

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº161 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Primeira Versão destina-se a divulgar ensaios breves em todas
Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte
Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for
Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

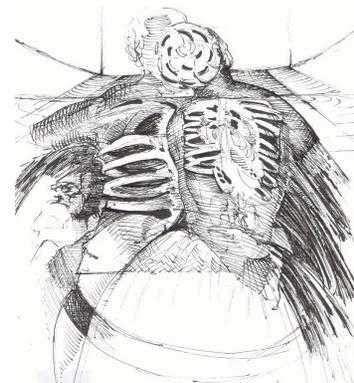
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

161



FLÁVIO DUTKA

BAKHTIN: APONTAMENTOS TEMÁTICOS

Maria Celeste Said Marques



Para os propósitos deste ensaio, o que segue não é uma análise exaustiva de idéias bakhtiniana. Trata-se, antes, de um breve diálogo com sua obra. O meu interesse é explorar o potencial analítico de alguns conceitos e da metodologia de Bakhtin.

Bakhtin é um dos maiores pensadores do século XX e um teórico fundamental da língua. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* está sua teoria da linguagem e do dialogismo. Bakhtin enfatizou a heterogeneidade concreta da *parole*, ou seja, a complexidade multiforme das manifestações de linguagem em situações sociais concretas, diferentemente de Saussure e dos estruturalistas, que privilegiam a *langue*, isto é, o sistema abstrato da língua, com suas características formais passíveis de serem repetidas. Bakhtin concebe a linguagem não só como um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”.

1. O Pensamento de Bakhtin

Neste tópico, meu procedimento será fazer uma introdução concisa do pensamento de Mikhail Bakhtin fundamentada em Todorov (1979). Depois dialogarei com seus escritos.

Escolhi Bakhtin e penetrarei em suas idéias não somente por meio de seus textos, mas também por meio de textos de autores que escrevem sobre ele. Interessam-me suas concepções relacionadas à linguagem, centrando-me em sua abordagem dialética a partir de suas considerações sobre o caráter ideológico do signo lingüístico e da natureza eminentemente semiótica (e ideológica) da consciência.

Todorov (1979) destaca que a unidade da obra de Bakhtin está em sua concepção de que o *inter-humano é constitutivo do ser humano*: a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem. Para Todorov (1979:14), Bakhtin *não cessou de procurar o que pode nos parecer agora diferentes linguagens destinadas a afirmar um único e mesmo pensamento. Poderíamos, desse ponto de vista, distinguir quatro grandes períodos (quatro linguagens), conforme a natureza do campo em que ele observa a ação desse pensamento: fenomenológico; sociológico; lingüístico; histórico-literário. No decorrer de um quinto período (os últimos anos), Bakhtin tenta a síntese dessas quatro linguagens diferentes.*

Dessa forma, percebe-se que a *arquitetônica*, ou construção, da obra de Bakhtin não é unívoca. Os matizes de sua trajetória intelectual podem ser sintetizados, segundo Todorov (1979), do seguinte modo:

Período *fenomenológico* - é representado pelo primeiro livro de Bakhtin, consagrado à relação entre autor e herói, que ele considera como um caso particular da relação entre dois seres humanos e concentra-se nessa análise. Defende que tal relação é “indispensável [...] para que o ser humano se constitua num

todo, pois o acabamento só pode vir do exterior, através do olhar do outro” (Todorov, 1979:14). O trabalho de demonstração de Bakhtin compreende dois planos da pessoa humana. O primeiro, *espacial*, é o do corpo: “ora, meu corpo só se torna um todo se é visto de fora, ou num espelho (ao passo que vejo, sem menor problema, o corpo dos outros como um todo acabado)” (p.14). O segundo é *temporal*, e *relaciona-se à 'alma': apenas meu nascimento e minha morte me constituem em um todo; ora, por definição, minha consciência não pode conhecê-los por dentro. Logo, o outro é ao mesmo tempo constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico em relação a ele: a pluralidade dos homens encontra seu sentido não numa multiplicação quantitativa dos 'eu', mas naquilo em que cada um é o complemento necessário do outro (p.14-5).*

Período *sociológico e marxista* - o coroamento deste período é representado pelos livros assinados pelos amigos e colaboradores de Bakhtin. Ele e seus amigos se posicionam contra: a *psicologia* e a *lingüística subjetivas* por procederem como se o homem estivessem sozinho no mundo; as *teorias empiristas* por se limitarem ao conhecimento dos produtos observáveis da interação humana. Para o grupo bakhtiniano o social tem caráter primordial: “a linguagem e o pensamento, constitutivos do homem, são necessariamente inter-subjetivos” (p.14).

Período *lingüístico* - após suas críticas à lingüística estrutural e à poética formalista - por reduzirem a linguagem a um código e negarem o discurso como uma ponte lançada entre duas pessoas socialmente constituídas -, Bakhtin se empenha em lançar as bases de uma nova lingüística, chamada de “translingüística” (para Todorov seria a “pragmática” e Barros (1996:23) opta por teoria do discurso¹), cujo objeto não é mais o enunciado, mas a enunciação, isto é, a *interação verbal*. Bakhtin formula propostas produtivas para o estudo da interação verbal na última parte de seu Dostoiévski e no ensaio sobre “*O discurso no romance*”. Ele analisa, em particular, a forma pela qual “as vozes dos outros - autores anteriores, destinatários hipotéticos - misturam-se à voz do sujeito explícito da enunciação” (p.15).

Período *histórico-literário* - inicia-se nos anos trinta. Comporta dois grandes livros, um sobre Goethe e outro sobre Rabelais. Para Todorov (1979:15), *Bakhtin constata que a literatura sempre jogou com a pluralidade de vozes, presentes na consciência dos locutores, mas de duas formas diferentes: ou o discurso da obra é em si mesmo homogêneo, mas se opõe em bloco às normas lingüísticas gerais; ou então a diversidade do discurso (a 'heterologia') se encontra representada no próprio interior do texto.*

É justamente a essa segunda tradição que Bakhtin dá atenção especial não apenas dentro da literatura, mas também fora. Como resultado, têm-se os estudos das festas populares, do carnaval e da história do riso, que ele desenvolveu.

Todas essa linguagens afirmam o pensamento condutor da obra bakhtiniana: a irredutibilidade da entidade transindividual. Todas essas vastas explorações participam do projeto comum de Bakhtin.

5.Segundo a autora, atualmente, o nome mais adequado é teoria do discurso como correspondente da metalingüística de Bakhtin, visto que “as diferentes pragmáticas que conhecemos tratam apenas de algumas das questões que Bakhtin desenvolve na sua translingüística. As atuais teorias do discurso parecem-me mais abrangentes e mais próximas, portanto, das reflexões do autor”.

Para a compreensão de alguns conceitos e categorias de análise, apontarei percursos a partir dos textos de Bakhtin e de textos de autores que escreveram sobre ele. Interessam-me principalmente suas concepções relacionadas à constituição do sujeito, à dialética, à ideologia, ao marxismo, à cultura etc. Para isso, seguirei as trilhas de algumas obras, de forma a construir e desenvolver os temas necessários à análise, visto ser fato que nos textos de Bakhtin, os conceitos não seguem uma rede temática estritamente definida como os manuais, e seus escritos não convergem para um fechamento. Exercitando o próprio percurso não-linear, mas dialógico das idéias, os conceitos bakhtinianos são lidos na rede textual que constitui o conjunto arquitetônico de suas formulações. Afinal, trata-se não de fazer uma exposição sobre a teoria de Bakhtin, mas de compreender a construção de determinados conceitos e categorias a partir de posicionamentos bem determinados presentes na rede interativa de seus escritos.

2. A constituição dialógica do sujeito bakhtiniano

Para Bakhtin, o reconhecimento do sujeito e do sentido é imprescindível para a constituição de ambos.

Bakhtin coloca em crise a unicidade do sujeito falante. Ele atribui ao sujeito um estatuto heterogêneo. O sujeito modifica seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, sejam elas reais ou imaginadas. Portanto, o sujeito não é a fonte primeira do sentido.

Segundo Bakhtin, o sujeito emerge do outro. O sujeito bakhtiniano é dialógico e seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz. Conforme Bakhtin, “não podemos perceber e estudar o sujeito enquanto tal, como se ele fosse uma coisa, já que ele não pode permanecer sujeito se ele não tem voz; por conseguinte, seu conhecimento só pode ser *dialógico*” (Bakhtin, *apud* Todorov, 1981:34).

O *eu*, para Bakhtin, não é monádico e nem autônomo (o *cogito* autocriador de Descartes). Ele existe a partir da do diálogo com os outros *eus*; necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo.

Com efeito, o sujeito dialógico bakhtiniano abala a concepção clássica do sujeito cartesiano, circunscrito em uma identidade permanente. O sujeito bakhtiniano é solidário das alteridades de seu discurso ao ser concebido numa partição de vozes concorrentes. Dessa forma, a idéia de sujeito de Bakhtin é uma negação do sujeito pensante de Descartes, ao mesmo tempo, que é o oposto do sujeito lacano-althusseriano da AD francesa, já que “a ‘palavra do outro’ se transforma, dialogicamente, para tornar-se ‘palavra pessoal-alheia’ com ajuda de outras ‘palavras do outro’, e depois, palavra pessoal (com, poder-se-ia dizer, a perda das aspas). A palavra já tem, então, um caráter criativo” (Bakhtin, 1992b:405-6).

Essa fundamentação do sujeito de Bakhtin na crítica radical do sujeito coisa abre uma perspectiva inovadora importante de conhecimento para a lingüística, pois propõe que o sujeito só pode ser teorizado como objeto de teoria, a não ser com a condição de ser reconstruído como tal, a partir da realidade das outras vozes de seu discurso. O sujeito bakhtiniano marca sua originalidade epistemológica por meio de um duplo deslocamento. Um que ancora a consciência na palavra: “a consciência de si é sempre verbal” (Bakhtin/Voloshinov, 1980:183). E outro que ancora o sujeito na comunidade: “eu só pode se realizar no discurso, apoiando-se em nós” (Bakhtin, *apud* Todorov, 1981:68).

O sujeito não está pronto, acabado. É incompleto e está numa busca eterna de completude inconclusa. Com efeito, é impossível uma formação individual sem alteridade, pois o *outro* delimita e constrói o espaço de atuação do sujeito no mundo. No entanto, o *outro* constitui o sujeito ideologicamente e proporciona-lhe o acabamento.

Segundo Bakhtin, o mundo semiótico do sujeito é construído com os *outros*. O nascimento e a seqüência da vida estão marcados por aquilo que somente o *outro* sabe, vê e conhece do mundo do sujeito.

3. Dialética, ideologia e marxismo

Bakhtin, ao conceber a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, fez da dialética o seu método na construção de seu arcabouço teórico. A sua dialética é dialógica e está vinculada com a totalidade, com a história, com a interação social. Sua visão de mundo é pluralista e polifônica. Dessa forma, ao privilegiar uma visão mais comunitária da dialética social, Bakhtin afasta-se do marxismo clássico ao dar menos ênfase à determinação econômica.

Para Bakhtin, o homem constrói sua existência dentro das condições sócio-econômicas objetivas, de uma sociedade. Somente como membro de um grupo social, de uma classe social é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural. O nascimento físico não é uma condição suficiente para o homem ingressar na história, pois o animal também nasce fisicamente e não entra na história. "Portanto, é necessário, um segundo nascimento, um nascimento social. Não se nasce organismo biológico abstrato, mas camponês ou aristocrata, proletário ou burguês [...]" (Bakhtin/Voloshinov, 1980:34). Dessa forma, a ligação do homem à vida e à cultura se dá por meio da realidade social e histórica.

Nessa perspectiva, Bakhtin concebe a consciência como um fato sócio-ideológico. Para ele, a consciência só existe na medida em que se concretiza através de algum tipo de material semiótico, seja sob a forma de discurso interno, seja no processo de interação verbal com os outros. Com efeito, Bakhtin descentraliza a consciência individual da filosofia idealista e da visão psicologista da cultura que "afirmam que a ideologia é um fato de consciência e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão" (Bakhtin/Voloshinov, 1992a:33). Para o referido autor, o verdadeiro lugar do ideológico é o material social particular de signos criados pelo homem. "Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*" (Bakhtin/Voloshinov, 1992a:35).

Assim, segundo Stam (1992:30), Bakhtin, em sua crítica marxista do psicologismo, "desmascara o apreciado mito burguês da autonomia individual".

Bakhtin critica também o marxismo vulgar, mecanicista por relegar o mundo dos signos e da ideologia a uma superestrutura determinada pela base econômica. Pois, para Bakhtin/Voloshinov (1992a:33), "cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade". Dessa forma, Bakhtin não concebia a ideologia como falseamento da realidade ou falsa consciência. Para ele, o conceito de ideologia é

mais abrangente, pois considera a contradição como constitutiva do produto ideológico, visto que este último “reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior” (Bakhtin/Voloshinov, 1992a:31). Essa concepção supõe um movimento dialético com a infra-estrutura.

Como vimos, Bakhtin faz uma crítica marxista do psicologismo e mostra-se igualmente crítico em relação ao marxismo mecanicista.

O fenômeno ideológico por excelência e o modo mais puro e sensível de relação social é a palavra, ou seja, a linguagem no sentido mais amplo, de acordo com Bakhtin/Voloshinov (1992a:36). É na palavra que se revelam a forma básica e ideológica gerais da interação verbal. Dessa forma, “a concepção ampla que Bakhtin tem da linguagem torna-se um veículo para evitar a armadilha do economicismo mecanicista” (Stam, 1992:31).

Bakhtin critica a categoria da causalidade mecânica para explicar como a realidade (infra-estrutura) determina a ideologia. Para ele, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas se refrata” e o que determina essa refração do ser no ideológico é confronto de interesses sociais, ou seja, a luta de classes. “Classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin/Voloshinov, 1992a :46).

Essa pluralidade social do signo ideológico é o traço que torna o signo vivo, móvel e capaz de evoluir. No entanto, segundo Bakhtin/Voloshinov (1992a:47), essa mesma característica faz dele um instrumento de refração de deformação do ser: “a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente”. Na realidade, para Bakhtin, todo signo ideológico vivo tem duas faces, mas essa *dialética interna* do signo não se revela inteiramente a não ser em épocas de crise social e de comoção revolucionária. Enfim, é assim que, para Bakhtin/Voloshinov (1992a:47), “se apresenta o problema da relação entre infra-estrutura e as superestruturas”.

4.Cultura

A partir das categorias-chave de Bakhtin como dialogismo, interação verbal, ideologia, consciência, etc, pode-se perceber que a contribuição de Bakhtin à análise da produção cultural e das ciências humanas é uma visão transdisciplinar.

A noção de dialogismo, de acordo com Bakhtin, pressupõe uma cultura fundamentalmente não-unitária, na qual diferentes discursos existem em relações de trocas constantes e versáteis de oposição. Segundo Stam (1992:101), com essa noção, a maior contribuição de Bakhtin talvez seja de caráter político, pois implicitamente “critica o modelo stalinista do ‘realismo socialista’ (na época de Bakhtin) e o derrotismo implícito da escola de ‘ideologia dominante’ do marxismo althusseriano de nossa época”. No entanto, o pensamento crítico de Bakhtin não representa um recuo em relação ao radicalismo e sim um avanço por chamar atenção para todas as formas opressivas de poder e não apenas as que derivam de classe. Para Stam (1992), apesar de Bakhtin não se dirigir especificamente a

todas as opressões, “uma política textual bakhtiniana favorecerá uma abertura à especificidade e diferença, recíproca e descentralizada; não aconselharia aos embates feministas, negros ou *gays* que ‘esperem sua vez’, até que a luta de classe atinja seus fins” (p.101).

Para Bakhtin, não há produção cultural fora da linguagem. O dialogismo opera dentro de qualquer produção cultural, seja letrada ou analfabeta, verbal ou não-verbal, elitista ou popular.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N.1980). **Écrits sur le freudisme**. Paris, L’Age D’homme.

_____ (Voloshinov, V.N.-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992a.

BARROS, D.L.P. de (1997). “Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso”. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo, Editora da Unicamp, pp.27-36.

STAM, R. (1992). **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo, Ática.

TODOROV, T. (1979). “Prefácio”. In: Bakhtin. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992b.

_____ (1981). **Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique**. Paris, Seuil.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Mais arte
e menos substância,
que o tempo
é mais que tempo
e o dia sabe o sol
o que será.*

CARLOS MOREIRA